

Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social

Tradução de Juremir Machado da Silva

SABE-SE QUE, EMOCIONADOS, os amantes falam mais do amor que os une quando este já não existe mais. Lembremo-nos, nesse sentido, do grito de Rimbaud pedindo para ser enfaticamente moderno. Encantação? Invocação? Em todo caso, injunção paradoxal na medida em que ocorre quando a modernidade atingiu o seu apogeu e só pode então declinar. Mesmo paradoxo que, um século depois, caracteriza a dificuldade dos intelectuais para abordar, serenamente, os problemas ligados ao fim, mesmo hipotético, dos tempos modernos e considerar as conseqüências sociais, epistemológicas e existenciais desse fenômeno.

Sine ire et odio: não é assim que se deveria estudar a evolução social? A cólera e o medo são, com freqüência, o elemento inconsciente da análise intelectual. O ódio do mundo é quase uma segunda natureza para os que se arrogam o poder de ditar o que "devem ser" o indivíduo e a sociedade, em detrimento, claro, do dever de reconhecimento do que *é*. Precisamos de serenidade na prática do conhecimento que "nasce com" (*cum nascere*) uma realidade complexa.

Essa realidade, para retomar uma expressão de Schopenhauer, "é puramente relativa", ou seja, todo objeto ou fenômeno está ligado a outros e é por eles determinado. Em conseqüência, fica exposto à mudança e ao acaso ou, em síntese, à instabilidade geral das coisas; significa dizer que o que é não necessariamente sempre o foi e não necessariamente sempre o será. Da mesma forma, as categorias elaboradas numa determinada época não são eternas e devem ser revisadas se quisermos compreender, com menor imprecisão, a evolução em

Michel Maffesoli

Professor de Sociologia na Sorbonne, Paris V
Diretor do Centro de Pesq. sobre o Atual e o Quotidiano
Diretor do Centro de Pesq. sobre o Imaginário (CRI)

questão, cujos efeitos é muito difícil, empiricamente, negar.

O relativismo do qual se trata aqui consiste, portanto, em colocar em relação os diversos elementos da vida e em considerar o fluxo vital, por definição, incessante. Elementos que tornam caducos os dogmatismos e favorecem a sensibilidade teórica que privilegia a humildade das coisas à pretensão dos conceitos. Assim, não se trata de ser "pós-moderno", como se poderia ter esta ou aquela identidade, mas antes de utilizar uma palavra, simples noção, como o fermento metodológico mais adequado possível para compreender relações e fenômenos sociais ainda em estado nascente, mas dos quais é difícil recusar a importância quantitativa e qualitativa. Em resumo, vale mais ser um sociólogo da pós-modernidade do que um sociólogo pós-moderno.¹

É nos períodos de mudanças civilizacionais que importa ser, para citar mais uma vez o revigorante Schopenhauer, um "*Selbstdenker*", o que se pode traduzir por *pensador livre*. Interessa mais a preocupação com um procedimento altaneiro do que com a prática intelectual mesquinha, bastante comum, de adaptação de grandes conceitos a pequenos pensamentos. Isso poderá levar a não se temer a pós-modernidade, desde que nos contentemos em identificar nela uma nova fase do inexorável processo baseado na saturação, em certo momento, dos valores que regeram, ao longo de um período mais ou menos longo, o *estar-junto* social. Trata-se pois do que a filosofia da Idade Média chamava de "condição de possibilidade", premissa de toda pesquisa em profundidade: delimitação de um recorte, identificação das linhas de força, avaliação das categorias em jogo.

Se permanecemos clássicos, isso tem uma "*pars destruens*" e uma "*pars construens*". Não é o caso de afirmar-se, infantilmente, por oposição, mas de ver o que cessa para melhor apreciar o que tende a ocupar-lhe o

lugar. Nos momentos fundadores, deve-se precisar também isso, não é possível criar sistemas ou ser "autor de manual". Assim, como se pôde dizer em relação a Marcel Mauss num contexto não necessariamente diferente,² é preciso saber, se queremos conhecer em profundidade o que germina, formular hipóteses e propor pistas de reflexão audaciosas ou mesmo pouco canônicas.

Logo, de onde viemos? Quais são os valores sociais que, progressivamente, se impuseram para constituir a chamada modernidade ou, mais exatamente, a "*pós-medievalidade*"? Sabemos que nada é eterno. Tudo se quebra, tudo passa, tudo cansa. O que nos parece da ordem da evidência foi elaborado a partir da implosão da Idade Média. Há uma expressão de Auguste Comte que sintetiza bem essa evidência moderna: "*reductio ad unum*". É verdade que, em todos os campos, a unidade do mundo e das representações lentamente prevaleceu. Tal unificação pode ser observada em todos as áreas, mas de maneira esquemática é especialmente visível no que diz respeito ao político, ao social e à ideologia.

Há, naturalmente, interação constante entre esses elementos, mas o político pode servir-lhes de fundamento. Exemplo disso é a constituição do Estado-nação. Certo, há o caso francês, ou mesmo o inglês, centralizado muito cedo, mas é no século XIX e, mais precisamente, em 1848, na Europa, que se afirma, com vigor, o sentimento nacional ou mesmo nacionalista. Assim, as diversas particularidades regionalistas, as especificidades locais, os múltiplos dialetos, os usos e costumes, os modos de vida e mesmo as instâncias de administração ou de governos provinciais são, pouco a pouco, esvaziados, suprimidos, em prol dos estados nacionais e dos seus organismos representativos.

Tudo isso em nome dos valores universalistas e da organização racional da socieda-

de. Conforme a expressão de H. Arendt, o bem comum tende a uniformizar-se em referência a um "ideal democrático", negando os múltiplos enraizamentos locais que caracterizaram a Idade Média e os seus feudos.

O mesmo vale para as instituições sociais. Os trabalhos de Norbert Elias e do próprio Michel Foucault, ou os de inspiração foucauldiana, bem focalizaram o lento processo de "curialização" ou de domesticação dos costumes que desembocou na constituição "do" social, isto é, de um *estar-junto* singularmente mecanizado, perfeitamente previsível e essencialmente racionalizado. "Racionalização generalizada da existência", segundo Max Weber, o que, em termos de tendência, é irrefutável. Em todo caso, tal processo presidiu o nascimento de uma família cristalizada na sua estrutura nuclear, o que permitiu a "*mise au travail*" e engendrou as grandes instituições educativas, as do trabalho social, sem esquecer a da saúde e dos diversos "encarceramentos" que marcaram os séculos XIX e XX.

Ao corrigir, tanto quanto podia, os efeitos perversos do devir econômico do mundo e do seu produtivismo inerente, tal "social" trouxe uma inegável segurança à maioria. Mas, ao mesmo tempo, e no sentido literal do termo, "enervou" o corpo comunitário transferindo para instâncias longínquas e abstratas o cuidado de gerir o bem comum e o vínculo coletivo. Tudo isso me levou a dizer que, sob muitos aspectos, assistiu-se à instauração da "violência totalitária", a qual, invertendo a terminologia de Durkheim, permitiu o deslizamento da "solidariedade orgânica", mais próxima do cotidiano, para a "solidariedade mecânica", promovida por uma tecno-estrutura auto-proclamada como garantia do bom funcionamento da vida social. Triunfo dos *experts* de todo gênero, conhecedores, a partir da incontornável lógica do "dever ser", da maneira correta de pensar e de agir. Em tal lógica, o mundo tornou-se estranho mesmo

aos que nele vivem.³

Enfim, vale o mesmo para a ideologia, no sentido literal do termo, isto é, o conjunto de representações através das quais uma época se descreve a si mesma. Assim, na contramão das mitologias, dos contos e das lendas estruturalmente plurais da pré-modernidade, assiste-se a uma homogeneização crescente. Lembremo-nos do que J. F. Lyotard chamou de "grandes narrativas legitimadoras". Poucos e, para além de algumas variações de pequena importância, os sistemas de explicação do mundo, elaborados na segunda metade do século XIX, como o marxismo, o freudismo ou o funcionalismo, baseiam-se todos numa visão positivista, teleológica e material da evolução humana. Sistemas monistas, igualmente, na medida em que se assentam sobre um causalismo exclusivo e excludente. Sistemas exclusivos, pois a causa identificada é determinante, "sobredeterminante", hegemônica, unificada. Sistemas excludentes, pois não há salvação fora do modelo explicativo supostamente fornecido pela causa. Daí o fideísmo rigoroso, com o seu cortejo de fanatismos, de dogmatismos, de escolásticas de todas as espécies, sem esquecer, naturalmente, as intolerâncias, exclusões e demais excomunhões.

Portanto, homogeneização nacional, institucional e ideológica. Ainda que de maneira inconveniente, vale uma palavra, entretanto, para delimitar a ordem epistemológica na qual se move essa homegenização. A imagem do mistério da Trindade, um só Deus em três pessoas, há também aqui uma tríade fundadora: o Indivíduo, a História, a Razão.

Encaremos aqui a doxa que vê no indivíduo e no individualismo as características de nossa época. Numerosos são os trabalhos de filósofos, historiadores, antropólogos, a exemplo de Louis Dumont, que mostraram como a pós-medievalidade nasceu com a invenção do indivíduo. O livre-arbí-

trio introduzido pela Reforma, Descarte e o seu cogito, o sujeito autônomo das Luzes, eis, ao lado de muitas outras, as grandes etapas que fizeram do indivíduo o mestre e o possessor de si mesmo e da natureza. A fórmula emblemática de Corneille, em *Cinna*, resume com perfeição tal filosofia: "Eu sou mestre de mim, assim como do universo...". Resumo, em poucas palavras, da dialética entre a economia de si e a economia do mundo, graças à qual a modernidade conheceria o seu desenvolvimento espetacular. Tanto quanto os deuses o haviam sido para as épocas anteriores, o Indivíduo torna-se o "axis mundi" em torno do qual tudo vai e pode articular-se. Pivô que justifica e serve de ponto fixo à inexorável evolução da História teleologizada.

Eis a segunda idéia-força da tríade epistemológica moderna; a historiografia dos acontecimentos cede lugar à História triunfante, a grande marcha real do Progresso, desenvolvimento rumo ao Espírito absoluto, graças aos quais a humanidade realizaria a sua reconciliação consigo mesma. Os roteiros podem variar um pouco, o objetivo continua o mesmo: evoluir do mais bárbaro dos obscurantismos para a mais civilizada das realizações. A política, a educação e a economia acreditam nisso; a existência, individual e coletiva, só tem sentido quando se projeta. Em tudo, é preciso encontrar a arte e a maneira de adaptar, por tática e estratégia, os meios ao fim estabelecido. O projeto (a projeção) é bem a "ultima ratio" da vida que, sem isso, seria, propriamente, *sem sentido*, sem significação.

O que dá sentido e significado, justamente, deusa-mãe da nossa trindade, a Razão "justifica" o Indivíduo senhor do mundo e a História onde a sua ação desenvolve-se. Precisemos, entretanto, que a razão moderna é apenas uma das formas da racionalidade humana. Para retomar uma temática característica da Escola de Frankfurt, trata-se de uma "razão instrumental", uma

"Zweckrationalität", na qual só valem os fins, o que pode ser manipulado, utilizado, incluído na ordem utilitária ou mesmo "instrumental". Razão abstrata da tecnoestrutura que pretende, do exterior, suprir as necessidades do indivíduo, corrigir os defeitos sociais, aperfeiçoar o que permanece inacabado na natureza humana. Não foi por acaso que a Revolução Francesa celebrou a "Deusa Razão". Por seu lado, Marx salienta que cada sociedade só se põe os problemas que pode resolver. Há na base do racionalismo moderno um otimismo ao qual não falta grandeza. Em todo caso, ele permite o desenvolvimento científico e tecnológico que, para o melhor ou o pior, conduz-nos à fronteira do terceiro milênio.

Com tudo isso na mente, podemos compreender a emergência do que se convencionou denominar pós-modernidade. A contextualização não é inútil, pois nada nasce "ex nihilo". O que P. Sorokin dizia da *saturação* das obras culturais pode aplicar-se aqui. Não existem começos ou fins abruptos. Quando os diversos elementos integrantes de determinada identidade não podem mais, por desgaste, incompatibilidade, fadiga, etc., permanecer ligados, entram, de maneiras variadas, em outra composição, favorecendo assim o aparecimento de outra entidade. Foi esse processo que levou à emergência da "pós-medievalidade", na seqüência chamada de modernidade. É isso também que, antes de receber um nome adequado, preside a elaboração da pós-modernidade. Saturação, recomposição. Talvez essa seja a única lei que possamos identificar no transcurso caótico das histórias humanas.

O que pode ser a recomposição pós-moderna? É, naturalmente, bastante delicado "remexer" nas panelas do futuro. Entretanto, podemos dar algumas indicações, reunir alguns indícios para sugerir grandes tendências. Ainda mais que, como foi dito, vemos retornar, levemente modificado, o que

acreditávamos superado. Para sermos mais precisos, não se trata aqui do "eterno retorno" do mesmo, mas, conforme indicava em sua época o filósofo N. de Cusa, de um crescimento em forma de espiral. Para dizê-lo ainda mais claramente, se uma definição, provisória, da pós-modernidade devesse ser dada, seria a seguinte: "*a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico*".

Eis a espiral. Evidentemente, essa definição não foi elaborada a partir de um esquema preestabelecido ou em função de pressupostos teóricos até certo ponto abstratos. Ela saiu, ao contrário, de simples constatações empíricas que qualquer um pode fazer na sua vida afetiva, profissional, cívica, com alguma lucidez e sem ser prisioneiro dos diversos *a priori* que, freqüentemente, condicionam o mundo intelectual. Aquilo que é, é. Além disso, de acordo com a etimologia e a semântica, é bom, de vez em quando, por "humildade" sabermos voltar ao "húmus" com o qual é modelado o "ser humano".

Assim, retomando os grandes temas explicativos da pós-medievalidade (modernidade), estado-nação, instituição, sistemas ideológicos, pode-se constatar, quanto à pós-modernidade, o retorno ao local, a importância da tribo e a colagem mitológica.

Começamos pelo local. Primeiro indício da heterogeneização galopante que percorre as nossas sociedades. Seja de maneira ostensiva, caso do ex-império do Leste, seja nas pacíficas mas firmes reivindicações de autonomia ou de soberania ou, ainda, nas políticas de descentralização, tal "localismo" é uma das características centrais desta época. É interessante, quanto a isso, observar o retorno vigoroso, nos mais variados discursos sociais, de termos como "país", "território", "espaço", os quais remetem ao sentimento de filiação e à partilha emocional. Em síntese, ao fato que o lugar serve de vínculo. Laço que não é abs-

trato, teórico, racional. Vínculo que não se constituiu a partir de um ideal longínquo, mas, ao contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Coisas do cotidiano, concretas, que aliam, num paradoxo não apenas aparente, o material e o espiritual de um povo. Materialismo espiritual, que provoca a reflexão, vivido localmente, tomará, cada vez mais, o lugar do político nas suas diversas modulações.

Enraizamento dinâmico que é causa e efeito da fragmentação institucional. De fato, as diversas instituições sociais, tornadas cada vez mais abstratas e desencarnadas, não parecem conectadas com a reiterada exigência de proximidade. Daí a emergência de um neotribalismo pós-moderno baseado, como sempre, na necessidade de solidariedade e de proteção que caracterizam o conjunto social. Nas selvas de pedra que são as megalópoles contemporâneas, a tribo desempenha o papel que tinha literalmente na selva verdadeira.

Assim, surpreende constatar que as variadas instituições não são mais contestadas nem defendidas, mas simplesmente corroidas, servindo de nicho para microentidades baseadas na escolha e na afinidade. Afinidades eletivas que encontramos nos partidos, nas universidades, nos sindicatos e em outras organizações *formais* que funcionam segundo as regras de solidariedade de uma franco-maçonomia generalizada. Tudo isso, naturalmente, para bem ou para mal. Inumeráveis tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais, de estrutura idêntica: ajuda mútua, partilha de sentimentos, ambiência afetual. Pode-se supor que essa fragmentação da vida social venha a desenvolver-se de maneira exponencial, constituindo assim uma nebulosa inapreensível sem centro preciso nem periferias identificáveis. Disso resulta uma socialidade baseada na concatenação de marginalidades destituídas de hierarquia.

Essa estrutura social (mas é de fato do social que se trata ainda?) gera uma colagem mitológica. Não é, talvez, oportuno falar do fim das ideologias. Em contrapartida, pode-se constatar a transfiguração destas. Elas adquirem outra imagem, no caso, a das pequenas narrativas específicas, próprias, claro, à tribo que as encarna. As "grandes narrativas legitimadoras" particularizam-se, encarnam-se, limitam-se à dimensão de certo território. Daí as práticas de linguagem juvenis, a volta dos dialetos locais, a recrudescência dos diversos sincretismos filosóficos ou religiosos (dos quais o *New Age* serve de exemplo flagrante), sem esquecer as "narrativas" sociológicas, políticas, psicanalíticas ligadas às seitas de mesmo nome que se constituem a partir do discurso fundador de um herói epônimo cuja pureza deve ser preservada.

A verdade absoluta, a ser atingida, fragmenta-se em verdades parciais que convêm experimentar. Eis os contornos da estrutura mitológica. Cada território, real ou simbólico, destila, de alguma maneira, o seu modo de representação e a sua linguagem "*cujus regio cujus religio*". Daí a babelização potencial constantemente negada com a invocação do espectro da globalização. Em realidade, existem muitas uniformizações mundiais: econômicas, musicais, consumistas; mas é preciso que nos questionemos sobre o verdadeiro alcance delas. Talvez devêssemos nos perguntar se a verdadeira eficácia não se encontra no domínio dos mitos tribais e das suas características existenciais. A comunicação em rede, da qual a Internet é a boa ilustração, levaria, nesse sentido, a repensar, para a pós-modernidade, o "universal concreto" da filosofia hegeliana.

Se tomamos por hipótese a existência de um local tribal gerador de pequenas mitologias, qual seria o seu substrato epistemológico? Empiricamente parece que o Indivíduo, a História e a Razão cedem, mais ou menos, lugar à fusão afetual encarnada no

presente em torno de imagens de comunhão.

O termo indivíduo, já o disse, parece-me superado, ao menos no sentido estrito. Talvez se deva falar, quanto à pós-modernidade, em uma *persona* que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se.

As grandes reuniões musicais, esportivas, consumistas, demonstram isso. Em cada um desses casos, trata-se de se perder no outro. "Despesa", no sentido dado ao termo por G. Bataille, como busca de fusão. Cada um só existe no e pelo olhar do outro, seja a tribo de afinidade, a alteridade da natureza ou o Grande Outro que é a divindade. Fusões e confusões de diversas ordens que não deixam de lembrar o mito dionisiaco. Trata-se de um processo nada excepcional que remete à simples realidade cotidiana. Numerosos são os fenômenos da vida corrente que, sem isso, ficam incompreensíveis. Em todos os campos, o "tornar-se moda" do mundo está na ordem do dia e as "leis da imitação", propostas, temporaneamente, por Gabriel Tarde parecem ser a regra atualmente.

Em síntese, não é mais a autonomia que prevalece, o eu sou a minha própria lei, mas a heteronomia, a minha lei é o outro. Talvez seja essa a mudança paradigmática mais importante e que avança em paralelo com a inversão do tempo responsável pela maior revelância das histórias humanas sobre a História linear. Pôde-se falar em "Einsteinização" do tempo, ou seja, que o tempo se contrai em espaço. Em suma, predomina o *presente* que vivo com os outros em determinado lugar. Seja qual for o nome que lhe dêem, tal "presenteísmo" contaminará as representações e as práticas sociais, especialmente as juvenis. *Carpe diem* de antiga memória que traduz bem o hedonismo disseminado. O gozo não é

mais remetido a algum hipotético "amanhã que canta", não é mais transferido para um paraíso do futuro, mas vivido, do jeito que dá, no presente.

Nesse sentido, o presente pós-moderno associa-se à filosofia do "kairos" que enfatiza as ocasiões e as boas oportunidades. A existência não passa, de qualquer maneira, de uma seqüência de instantes eternos que devem ser vivido, da melhor forma, aqui e agora. Talvez seja o caso de lembrar aqui a importante distinção entre drama e trágico. Enquanto o drama, no sentido etimológico, evolui para uma solução possível, como se pode ver no burguesismo moderno, o trágico é "aporético", isto é, não busca nem espera soluções. Pode-se mesmo dizer que se baseia na tensão de elementos heterogêneos.

Conseqüência lógica do processo dialético, o drama desemboca na síntese, enquanto o trágico, de acordo com o neologismo utilizado ao mesmo tempo por S. Lupasco e por G. Durand, baseia-se essencialmente no "contraditório", o contraditório vivido como tal. Trata-se de outra maneira de expressar a aceitação do presente pelo que ele é, sem se projetar no futuro. Seja como for, a saturação do projeto e a desconfiança em relação a uma História teleológica levam à busca do *sentido* no próprio ato e não mais num objetivo longínquo e ideal. Assim, a pós-modernidade não acredita mais no aspecto inexorável do progressismo, mas dá muito mais importância à sabedoria "progressiva" que busca a realização do eu e o desobrochar pessoal no instante e no presente vividos com toda a intensidade.

Último ponto, enfim, do substrato epistemológico pós-moderno: a importância da imagem na constituição do sujeito e da sociedade. Ainda aí, só podemos ser alusivos e remeter às análises que tratam desse problema. Basta lembrar que, na esteira da tradição judaico-cristã, a modernidade foi es-

encialmente iconoclasta. Assim como, na tradição bíblica, o ícone ou o ídolo impediam de adorar o verdadeiro Deus, "em espírito e em verdade", a imagem ou o imaginário, de Descartes a Sartre, entravavam o bom funcionamento da razão. Lembremos aqui a expressão filosófica tornada popular que fez da imaginação a "folle du logis" (a louca da casa). Estigmatização que marcou profundamente as nossas maneiras de pensar e toda a nossa sensibilidade teórica.

Ora, o que se observa atualmente, a não ser o retorno vigoroso da imagem negada e repelida? Imagem publicitária, imagem televisual, imagem virtual. Nada lhe escapa. "Imagem de marca" intelectual, religiosa, política, industrial, etc. Tudo deve ser visto e apresentar-se em espetáculo. Pode-se dizer, na ótica weberiana, que é possível compreender o real a partir do irreal (ou considerado como tal). Ocorre que, durante a modernidade, o desenvolvimento tecnológico tinha, duravelmente, desencantado o mundo. Já na pós-modernidade nascente, a tecnologia favorece um real *reencantamento do mundo*.

Para enfatizar tal fenômeno, podemos falar de (re)nascimento de um "mundo imaginal", ou seja, de uma maneira de ser e de pensar perpassadas pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial. A imagem como "mesocosmo", isto é, como meio, vetor, elemento primordial do vínculo social.

Seja qual for a maneira de expressão do "imaginal", virtual, lúdico, onírico, ele estará presente e, pregnante, não será mais relegado à vida privada e individual, mas figurará como elemento constitutivo de um estar-junto fundamental. Isso permite afirmar que o social cresce em socialidade integrando, de maneira holística, parâmetros humanos descartados pelo racionalismo moderno. O imaginal consiste, assim, noutra maneira de prestar atenção na sociedade complexa, na solidariedade orgânica in-

ciente, na "correspondência", no sentido baudelairiano, entre todos os elementos do meio ambiente social e natural.

A época apresenta-se, talvez, mais atenta à instabilidade das coisas mais instituídas. Com certeza, a emergência de valores arcaicos, considerados totalmente ultrapassados, deve nos alertar para o fato de que as civilizações são mortais, enquanto a vida perdura. Assim, sem dar ao termo um estatuto conceitual muito rígido, a pós-modernidade nascente lembra-nos que a modernidade foi uma "pós-medievalidade" e permitiu uma nova composição do estar-junto.

Devir espiralesco do mundo! Quando cessa a evidência de uma idéia na qual se baseava determinada civilização, outra constelação aparece integrando certos elementos do que foi e revitalizando outros que tinham sido descartados. Com esse esquema em mente, de forma não judicativa, não normativa, pode-se epifanizar as grandes características do pensamento pós-moderno. O que M. Foucault fez com a modernidade, falta realizar para a época que se anuncia. Trata-se de um desafio de envergadura que exige uma postura intelectual audaciosa. Desafio a ser enfrentado para não acontecer a marginalização do pensamento, ainda mais que, como relatava Victor Hugo noutra época, "nada pode parar uma idéia cujo tempo chegou".

Notas

- 1 Cf. BAUMAN, Z. *Intimations of postmodernity*, London, Routledge, 1992. E *Modernity and ambivalence*, Cambridge, Polity, 1993.
- 2 Cf. a esse respeito o excelente livro de FOURNIER, M. *Marcel Mauss*, Paris, Fayard, 1994, pp. 352-353.
- 3 Cf. a minha análise, MAFFESOLI, M. *La Violence totalitaire*, Paris, Méridiens, 1979. Sobre a inversão das "solidariedades", ver p. 210, nota 1.